

Representação imagética, o sensível e o virtual: crise e produção de sentido no contemporâneo¹

Victor TERRA²

Universidade de Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo pretende discutir o papel da representação imagética – pensando especificamente a imagem técnica - enquanto ponto central de articulação e produção de sentido no contemporâneo. Parte-se do pressuposto pós-moderno da falência das metanarrativas e de uma suposta crise paradigmática, em que a razão se enfraquece como princípio organizador das relações e produções de sentido. Propõe-se, em contrapartida, pensar a emergência de um novo paradigma representacional, baseado no afeto e na revalorização da percepção sensível no ambiente midiático virtual das redes: a imagem técnica como abertura para enxergar novos modos de produção de sentido do sujeito sobre si e sobre o mundo.

Palavras-chave: representação; contemporâneo; imagem; sensível; virtual.

Introdução

Vivemos uma crise na produção dos sentidos do homem; de suas referências de comunicação e sociabilização. Uma crise das representações ocorrendo em nível global. Lideranças, governos, instituições perdem força e legitimidade. Como indicou Lyotard (1988), assistimos à falência das metanarrativas, isto é, dos grandes sistemas de pensamento, crenças e valores, como a religião, a ciência, a filosofia, a economia e a política.

Está em crise o próprio paradigma – as condições de ser, dizer, fazer e pensar deste tempo (AMARAL, 2010), marcado pela globalização e pelo desenvolvimento do capital-informação e das tecno-ciências. A tecnologia “fala com a ciência, e interpela o mundo. E o mundo, convertido à eficácia tecnológica, responde” (AMARAL, 1996, p.16). A contemporaneidade se apresenta como a “Era da informação” (CASTELLS, 2003), que produzida e consumida em quantidade e em alta velocidade, circula incessantemente e compõe todos os espaços da vida do sujeito hodierno.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). E-mail: vtterra.vt@gmail.com.

Na esteira do capital-informação, estrutura-se a dinâmica do controle e da vigilância, do consumo e da simulação, potencializados pelo desenvolvimento da dimensão virtual em todas as esferas da vida: das células-tronco aos sistemas monetários e financeiros, incluindo as relações à distância e a construção de identidades através das redes sociais de comunicação.

De fato, as referências (baseadas no Real) perdem credibilidade. O próprio Real deixa de ser central, passando a dividir lugar com uma ordem simulativa que evoca à cena a eficácia e torna os resultados e as performances mais interessantes do que as relações causais existentes entre fundamento e Verdade. Não está mais em jogo a Verdade vinculada a um Real. Ela agora pode ser muitas, várias e, ao mesmo tempo, nenhuma. Como sintomas, observa-se, por exemplo, a dessubstancialização, a financeirização, a descentralização e a pulverização de identidades, bandeiras e causas, materializadas na escalada de regimes totalitários e extremistas, guerras e fundamentalismos, carentes de referências (BAUDRILLARD, 1991) ou razão de ser. Talvez não seja mais de razão que se trate. Talvez o homem não consiga mais tratar as coisas apenas pelo prisma racional de causa e efeito.

A Razão deve ser entendida aqui em seu sentido mais amplo e profundo possível; em seu sentido mais grego e filosófico: princípio organizador da cultura ocidental. Razão, que ao longo de 26 séculos, figurou como problemática central na constituição de sistemas de pensamento, mas que fora, por vezes, posta em xeque durante esse período. Spinoza, o empirismo inglês, Kant e o romantismo alemão foram alguns dos pensadores e correntes filosóficas que contestaram o *status* da razão. Ainda assim, apesar de questionada, é possível dizer que a razão manteve o posto de elemento central na organização da cultura. Assim o foi até o final do século XIX, quando – com a filosofia niilista de Nietzsche, por exemplo - passou a apresentar sinais evidentes de esgotamento, já aí incapaz de sustentar-se como pilar do sujeito e de suas questões.

O sujeito contemporâneo – ou pós-moderno³ - é causa e sintoma desse cenário. É agente e sofre, simultaneamente, os efeitos do desmoronamento de um panorama já incapaz de articular suas necessidades e motivações. Um sujeito em crise que, como bem apontamos, volta suas atenções como nunca para os efeitos, de modo imediato, buscando a eficácia dos resultados. Virtualizado, caracteriza-se pela fragmentação,

³ O conceito de pós-moderno é controverso, existindo muitas abordagens possíveis para o termo: pós-moderno (Jean Baudrillard, Jean-François Lyotard), modernidade tardia (Zygmunt Bauman), presentismo (François Hartog), entre outros.

descentramento e instabilidade. Passa a ser composto “não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2005, p. 12). Vive a perda – momentânea - de um sentido de si (HALL, 2005).

Para alguns, precipita-se a catástrofe com o aparecimento de um mundo "hiper-real", que não busca ou depende mais de seus fundamentos e, sim, projeções - imagens e cópias, edificado a partir de “modelos de um real sem origem nem realidade” (BAUDRILLARD, 1981, p.8). Esvai-se a possibilidade de representar e aniquila-se o sentido do homem, sucumbindo numa espécie de Fim da História.

Para outros, manifestam-se tempos de abertura. Decerto, expande-se a dimensão virtual e com ela a potência para instrumentalizar, controlar, vigiar e esvaziar os sentidos. Mas igualmente para politizar, ressignificar, visibilizar e emancipar. Trata-se assim do virtual como ambiente e ferramenta de abertura ao sujeito para que continue a produzir sentido de si e de seu mundo, isto é: para que continue a representar. É disso que se trata a abertura: alternativa para as formas de representação ainda vigentes que, como acabamos de apontar, no terreno da razão declinam vertiginosamente.

Representação e produção de sentido

Para pensar a noção de representação, tomamos como referência a perspectiva de Stuart Hall, para quem representar é ato de conectar-se ao mundo (HALL, 2002), ao real e à cultura através da linguagem. Assim, representar é, em essência, produzir significado; é o que permite ao homem dar sentido a si e às coisas ao seu redor, que, à priori, nada significam. A representação “conecta o sentido e a linguagem à cultura” (HALL, 2002, p. 31). Por isso, adotaremos aqui a ideia de representação enquanto produção de sentido.

De um ponto de vista contemporâneo, marcado pelo visual e pelo imagético, (BRASIL, 2006; FLUSSER, 2009; SODRÉ, 2006), o ato da representação pode ser visto como um incessante vincular-se, um eterno vir a ser da visibilidade: o que é visível; o que damos a ver; o que projetamos/externalizamos. Representar enfim é produzir imagens – signos organizados em expressões coletivamente (de)codificáveis: ação comunicacional – do comum e, portanto da produção e partilha de sentido.

Com a afirmação explicitamos nossa intenção em discutir o fenômeno da representação no contemporâneo, a partir de um tipo específico de representação: a

imagética, entendendo ser a imagem ponto central na articulação entre o sujeito contemporâneo e sua ação de representar.

Não é a definição conceitual de imagem que se pretende discutir e sim as problemáticas articuladas por ela no contemporâneo. Não obstante, parece importante esclarecer brevemente do que se trata e ainda de que tipo de imagem estamos falando.

Imagens são, por definição, superfícies que pretendem representar algo (FLUSSER, 2002), estabelecendo a mediação entre o homem e o mundo. A imagem é uma dentre as muitas formas de representação, como a escrita, a fala, entre outras. É signo, mostrando sempre em sua superfície um elemento que nela não se faz presente. Em última instância, a imagem é ausência, como bem aponta Benjamin (2012).

Aqui, trataremos especificamente das imagens técnicas (FLUSSER, 2002), isto é: imagens produzidas por aparelhos, entendendo-as como peça central no processo de representação no contemporâneo, como veremos, constituído transversalmente por imagens.

Entretanto, é preciso destacar que a representação imagética não é fenômeno novo na história do ser humano. O acompanha desde a Antiguidade até os dias atuais. Ao longo do tempo, o homem se serviu de imagens para produzir sentido.

Por isso, para endossar o *não-ineditismo* do fenômeno da representação, em específico a baseada na imagem, propomos uma breve exposição de três diferentes paradigmas histórico-filosóficos ocidentais – Clássico, Moderno e Contemporâneo.

Trataremos de Platão e sua "Alegoria da Caverna" (1949) para entender a concepção da representação enquanto mediação entre inteligível e sensível da Antiguidade Clássica. Foucault, com "As Palavras e As Coisas" (2000) e sua análise sobre o Moderno⁴, discutindo a representação enquanto discurso. Por último, Baudrillard, com "Simulacros e Simulação" (1991), para pensar a produção de sentido no pós-moderno segundo as noções de simulação e eficácia.

Buscando compreender a experiência do ser, Platão (século IV a.C.), o pensa como ente "uno, imóvel, eterno e imutável". Assim, apegado a uma fundamentação substancial, o filósofo instaura, ainda que sem saber, as bases epistemológicas sobre as quais se construíram mais de 26 séculos de filosofia ocidental⁵ e que, como apontamos

⁴ Foucault separa a Modernidade em Primeiro Moderno ou Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e Segundo Moderno (século XIX). Neste artigo adotamos, porém, a nomenclatura historiográfica epocal tradicional: Idade Clássica, Idade Média, Idade Moderna e Contemporaneidade.

⁵ Platão discorre entre tantas questões sobre o Ser, o real e o fundamento das coisas. Está interessado pelas causas e em busca da *Verdade*.

logo no início do artigo, desemboca no contemporâneo, em um paradigma supostamente colapsado, em crise.

Na metafísica de Platão⁶, para cada "grupo" de coisas existentes no Mundo Sensível, haveria uma ideia essencial, primária e perfeita, correspondente no Mundo das Ideias. Todas as coisas que vemos, tocamos ou sentimos seriam sempre apreendidas por meio dos sentidos, não passando de cópias imperfeitas de ideias perfeitas e verdadeiras do plano ideal. Assim, por exemplo, haveria uma ideia (essência) de árvore; perfeita e imutável no Mundo das Ideias, das quais derivariam, no plano sensível, uma infinidade delas: macieira, bananeira, enfim cópias ou, como denomina Platão, *acidentes* de árvore.

Ainda que compartilhem uma suposta essência comum, as cópias variam e se diferenciam em termos sensíveis: forma, cor, material, etc., e podem, por isso, confundir ou enganar o homem, fazendo-o acreditar que as imagens fabricadas sensivelmente são, na verdade, as imagens mentais, as ideias. Por ser impermanente, inconstante e mutável, o sensível, ao contrário do inteligível não seria confiável e oporia-se à estabilidade e absolutez das ideias. Não à toa, Platão hierarquiza as duas instâncias, definindo o Plano Inteligível como superior ao Sensível. Enquanto o primeiro tratava da verdade e do conhecimento, associado ao *logos*, o segundo versava sobre a opinião e a crença, associado à *physis*; se o visível só oferecia vício e alienação, o inteligível promovia a virtude, a libertação e a cura.

No paradigma Clássico, sugerimos pensar a representação especificamente imagética, como elemento de ligação; mecanismo que possibilita ao homem a relação entre esses dois mundos possíveis: o Inteligível e o Sensível. Tem função conectiva, funcionando como meio entre as duas dimensões, relacionando as cópias às ideias e vice-versa. É, em último caso, o que possibilita ao homem o contato e a interação com o mundo a sua volta. É o meio pelo qual o sujeito acessa o real, a partir da

⁶ Apropriando-nos da obra platônica, propomos aqui uma leitura própria da Alegoria da Caverna, que compõe o Livro VII de "A República" (1949), para pensar, a partir da metafísica de Platão, de que modo representação e imagem se associavam no processo de produção de sentido da Antiguidade Clássica. Eis a alegoria: dentro de uma caverna, homens presos de costas para a entrada, desde sempre, incapazes de se mover. Atrás deles, uma fogueira - única fonte de iluminação do local. Num nível abaixo, à frente do fogo, um muro por onde passam homens transportando objetos sobre as cabeças. Tudo o que os prisioneiros conhecem são as sombras e formas de suas próprias figuras e dos objetos transportados lá fora, que têm seus reflexos projetados pela fogueira na cavidade interna. São cópias. Sendo essas as suas únicas referências, os reflexos, resultado da percepção sensível dos homens, são tomados por eles não como projeções, mas como as coisas em si: reais e verdadeiras. Os sentidos os enganam na medida em que são impermanentes, inconstantes e mutáveis. A única solução ao homem, aponta Platão, seria sair da caverna, em busca de luz, orientado pela verdade metafísica no plano Inteligível. Só seria bom filósofo aquele que retornasse à caverna, sob a luz do conhecimento, para libertar os outros prisioneiros que, porventura, ainda estivessem se guiando por suas percepções sensíveis.

correspondência entre o ente e o real. Criamos uma imagem mental, assimilamos ao "objeto físico" que apreendemos por meio dos sentidos (visão, tato, audição) e entendemos que são análogos; cópias.

Perigosa, a imagem (oriunda da experiência sensível) é vista por Platão sempre como tentativa de esconder a verdade das coisas. Aparentando mostrar, a imagem esconde, ausenta, substitui a coisa em seu lugar original, retira-lhe a essência. Afasta-se da verdade, portanto não deve ser valorizada.

Embora tenha desprezado o sensível e classificado as imagens como enganosas e contraditórias, Platão se apoiou em uma perspectiva imagética para construir sua metafísica e estabelecer a ponte entre o Sensível e o Inteligível. O próprio tratado sobre esses dois mundos (Mito da Caverna) é construído como alegoria - em imagens, de imagens, de imagens, produzidas mentalmente pelo leitor ao longo de todo o texto.

Olhemos para a Modernidade a partir de Foucault, com base em sua análise do quadro “*Las Meninas*” (1656) de *Diego Velázquez*, publicada no livro “As Palavras e as Coisas” (2000), para ilustrar o modo como a imagem – de modo mais preciso, a representação imagética – funciona no Moderno; que espaço ocupa para a produção de sentido do sujeito e de seu mundo. Ainda que a análise foucaultiana tenha tratado dos modos de representação no enquadramento da Modernidade, é possível utilizar seus apontamentos para pensar a imagem também no contemporâneo, elaborando comparações e paralelos.

Para Foucault, na Modernidade toda representação - inclusive a imagética - é *discurso*, isto é, uma rede de signos que, ligada a outros discursos e outras redes de discurso, organiza, registra e reproduz valores, relações de poder e de sentido de determinada sociedade ou grupo social, estruturando o imaginário social de determinada época (FOUCAULT, 2012). Ora, imagens são uma das formas de representar. Representar é, pois produzir discurso. Discurso é poder⁷. E poder é relação. Desse modo, podemos afirmar que as imagens, enquanto discurso, passam a funcionar (junto a outros instrumentos discursivos) como articuladoras de relações e organizadoras de sentido. Assim, no Moderno a representação imagética deixa de ser ponte, instrumento de ligação, conectivo – como apontada em Platão - para se tornar elemento de caráter construtivista.

⁷ Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações, leis, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas. (FOUCAULT, 2012, p. 364)

Vale lembrar que no Moderno, uma historicidade profunda “penetra no coração das coisas” (FOUCAULT, 2000, p. 20). Relativizam-se os fatos e os referenciais deixam de ser absolutos. De modo significativo, desde então passa a se considerar que não há mais fatos absolutos e sim versões. Não há mais essência da verdade. O que existe são regimes de verdade (FOUCAULT, 2012). Assim, a noção de verdade não seria algo em si, mas aquilo que ganha realidade por legitimação de fala no interior de uma prática discursiva ou de um *regime de verdade* (2012). Não há “certo” ou “errado”. Existem relações. E nesse contexto, as imagens adquirem papel fundamental.

A pintura é o principal suporte para as representações imagéticas na Modernidade. Traz consigo versões e possibilidades interpretativas de elementos visíveis cujos sentidos nem sempre são aparentes e precisos. É o caso de “*Las Meninas*”, de *Velásquez*, quadro que retrata a família real espanhola da época.

Os elementos da pintura (pessoas e objetos) são todos eles reconhecíveis. Estão todos “no lugar”. Mas, para, além disso, a “representação e o sujeito são as mensagens por trás da pintura - o que ela quer dizer, seu subtexto” (HALL, 2016, p.104). Apesar de absolutamente figurativa, a representação aqui não tem vínculo com um “reflexo verdadeiro”, imitação ou cópia da realidade. Não traz consigo um sentido único, final. Trata justamente de versões possíveis. O significado está sempre no processo de emergir, “embora qualquer sentido final seja constantemente adiado” (Ibidem, p. 107).

O modo como representa os personagens da tela, as cores, as formas e as dimensões escolhidas pelo pintor constituem parte do sentido da imagem, do discurso. Do mesmo modo, a apreensão de tais elementos visuais pelo observador do quadro – a partir de sua perspectiva singular – constitui a outra parcela de sentidos investidos na pintura, dão a ela significados, versões distintas. Os elementos da imagem, ao serem interpelados tanto por quem os produz como por quem os contempla, articulam relações de sentido e de poder entre si.

A representação não é apenas *mimesis*, ferramenta de ligação entre ideia e substância. Decerto, mantém seu papel referencial entre o sujeito e o real. Mas vai além: se torna ela mesma produtora de sentido. Passa a funcionar como painel discursivo que nos permite interpretar, especular e apreender distinções sociais implícitas nos discursos imagéticos construídos.

Contraopondo-se à metafísica platônica, Foucault alega que as coisas tinham sentido e eram verdadeiras apenas em um contexto histórico e temporal específico. A

imagem não tem por si só um sentido completo, significando algo sempre em relação ao espectador que completa o seu sentido⁸. Não há mais um processo essencial e imutável, transcendente ao sujeito. Pelo contrário: sua presença passa a ser necessária para que se dê enfim a representação; perspectiva que acompanha a proposta moderna em que o sujeito é colocado no centro do debate, como peça central na elaboração de sentido de si e do mundo.

Tomemos agora Baudrillard e sua visão sobre o contemporâneo, chamado por ele de pós-moderno (1991) para analisar o paradigma de representação atual. No capítulo “A precessão dos simulacros” do livro “Simulacros e Simulação” (1991), o autor faz afirmações duras sobre o panorama globalizado, tecnológico e virtualizado, emergente desde o final do século XX.

Trata-se de um cenário apocalíptico, construído, segundo ele, a partir da simulação, que “põe em causa a diferença do *verdadeiro* e do *falso*, do *real* e do *imaginário*” (BAUDRILLARD, 1991, p. 9-10). A partir de um princípio de indistinção, o simulacro desestrutura o paradigma das diferenças e liquida todos os referenciais, até aqui fincados num real. Neste sentido, a simulação é, para o autor, extremamente perigosa. “É contra ela que a razão clássica se armou com todas as suas categorias. Mas é ela hoje em dia que de novo as ultrapassa e submerge o princípio de verdade” (Ibidem, p. 11).

Solapando as diferenças, a simulação põe em questão o real. Reinventado, ele não é mais comparável a nenhuma instância, ideal ou negativa e assim deixa de ter compromisso com a razão. Na verdade, já não é o real, mas um *hiper-real*, produto da simulação que já não é mais a de um território, de um ser referencial ou de uma substância. Um *hiper-real*, gerado no simulacro como modelo operacional e infinitamente reproduzível “de um real sem origem nem realidade” (BAUDRILLARD, 1991, p. 8). Em última instância, a simulação nega radicalmente o signo como valor, o tomando como reversão da referência. Considera equivalentes, signo e real (mesmo que esta equivalência seja utópica, seja um axioma fundamental) e, assim, se opõe à representação.

Nesse sentido, passa a não fazer sentido pensar a noção de representação enquanto elemento articulador entre homem e mundo (real), segundo Baudrillard. Na contramão, ganha terreno o virtual, entendido como potência latente, sem efeito nem

⁸ Produzir sentido depende, em último caso, da prática da interpretação. E como os sentidos estão sempre mudando, operam mais como convenções sociais do que como leis fixas.

referência no real. A simulação torna-se elemento articulador, agora entre homem e virtual, num espaço “cuja curvatura não é a do real, nem a da verdade” (Ibidem, p. 9).

Não mais transcendental como a metafísica de Platão e toda a experiência inteligível, a simulação é transversal. Potencializa o multimodo, ao mesmo tempo em que carrega consigo um uno; diferente do platônico, que se opõe ao múltiplo. Um uno que não faz frente a nada, já que tem nele tudo contido. Anulando qualquer possibilidade de diferenças, torna-se impossível de ser isolado. Engloba tudo e impossibilita o fora. É por natureza, virtual e, portanto, de infinita potência.

Todas as hipóteses são possíveis e passíveis de manipulação, reversíveis num “torniquete sem fim. É que a manipulação é uma causalidade flutuante, onde positividade e negatividade se engendram e se recobrem, onde já não há ativo nem passivo” (BAUDRILLARD, 1991, p. 25).

No virtual, indica o autor, o sujeito é agora operador, que simula; pouco preocupado com as causas (fundamentos) e mais interessado nos efeitos (eficácia). Se desinteressa pela verdade e se guia agora pelos simulacros, que produzem desenfreadamente na esfera virtual, estratégias de real, referenciados em si mesmos, numa dobragem infinita e vazia de substância.

Em última instância, para Baudrillard, é todo o modo tradicional de causalidade que está em questão: “modo perspectivo, determinista, modo ativo, crítico, modo analítico - distinção da causa e do efeito, do ativo e do passivo, do sujeito e do objeto, do fim e dos meios” (Ibidem, p. 45), que resulta, na implosão do sentido. Sem referências, o sujeito pós-moderno não teria mais razão de ser. Baudrillard (1991) proclama categoricamente o fim da razão, e em consequência, fim do homem. Fim da história.

Para seguir com a reflexão, tomaremos daqui para frente alguns dos argumentos de Baudrillard acerca do contemporâneo, como a noção de virtual. Por outro lado, nos distanciaremos da perspectiva que aparta as simulações e o virtual de qualquer dimensão do real, configurando um quadro sem alternativas no qual a representação não tem mais lugar. Sugerimos pensar possibilidades que não tomem como pressuposto o isolamento definitivo do par real-virtual, mas que apontem para sua relação de coexistência irreversível, profundamente orientada pelas imagens.

Imagem e sensível

Como foi possível notar nos paradigmas anteriores, a imagem sempre administrou, invadiu, colonizou e se fez presente na constituição tanto individual quanto coletiva do homem. Mas, como assinala Muniz Sodré, fez isso psiquicamente, internamente, em escala individual (SODRÉ, 2002).

No contemporâneo, “isso saiu do indivíduo e se realiza por mídia” (SODRÉ, 2002). A imagem tornou-se o produto mais desejado e consumido pelo homem, por todo lugar e a todo instante, “um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana” (KELLNER, 2006, p. 119). O “mundo se faz imagem” (SODRÉ, 2006, p. 47), que sistematiza as relações dos homens entre si, dos homens com as imagens e das imagens com elas mesmas (SODRÉ, 2002). Vivemos a *Era das Imagens* (BAITELLO, 2014), forjados por e através delas.

Considerando imagem como experiência sensível e levando em conta sua presença constante ao longo da trajetória humana, passa a ser plausível afirmar também a manifestação recorrente, ainda que latente, de uma dimensão sensível (SODRÉ, 2006) nas diferentes épocas. Ora desprezada (como na metafísica de Platão), ora relativizada (como na análise discursiva de Foucault), a percepção sensível acompanhou o ser humano em todo seu processo de elaboração de sentido, expressão e comunicação.

Retomando o argumento desenvolvido no início de nossa reflexão, que leva em conta o suposto esgotamento das metanarrativas e dos sistemas baseados na razão⁹, sugerimos observar a emergência de um novo paradigma - diretamente associado à escalada das imagens -, que põe em questão a soberania do racional, se baseia no sensível e no afeto (SODRÉ, 2006) como novos princípios de organização e produção de sentido.

Se por um lado afirma-se a morte da Razão una e universal, que é a metafísica do pensamento forte e único entronizada pelo Iluminismo, por outro proclama-se a vida das múltiplas razões particulares, e pode-se mesmo então instituir epistemicamente uma razão ou uma inteligência para a emoção (SODRÉ, 2006, p. 47).

Ainda que em suposta decadência, a Razão nunca deixou de trazer consigo o que Sodré chamou de *estratégias sensíveis* (2006). O que se percebe na contemporaneidade é, na verdade, uma intensificação de tal fenômeno. Mais do que nunca, a comunicação e as relações entre os sujeitos inscrevem-se no plano da experiência estética, isto é, como

⁹ Sob a égide da globalização, da tecno-ciência, da eficácia e do virtual.

“modo sensível de conhecimento” (SODRÉ *apud* BAUMGARTEN, 2006), plena de sensações (estesia¹⁰). A dimensão sensível é esse campo de operações singulares, “sem causa dependência com o poder comparativo das equivalências” (SODRÉ, 2006, p. 11), como sugerem os pós-modernos, ou sem a caução racionalista de um pano de fundo metafísico (SODRÉ, 2006), como sugere Platão.

Todo esse plano sensível, na qual se desdobram relações, interações e produções de sentido, é construído na e através da mídia e, de modo mais específico – mas não exclusivo – através das redes. A mídia é então o que constitui essa nova dimensão psicossocial (SODRÉ, 2002), articuladora de real e virtual, razão e sensível, através da qual agora o sujeito se constrói, se mostra e se dá a ver, definida por Sodré (2006) como *bios midiático*.

Aos modos articulares de vida identificados por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* – a vida contemplativa (*bios theoretikos*), vida prazerosa (*bios apolaustikos*) e vida política (*bios politikos*) – pode-se acrescentar uma nova qualificação, uma quarta esfera: a vida midiaticizada que inclui a realidade tecnológica do virtual (SODRÉ, 2002, p. 160-161).

Dessa forma, se antes havia sido enxergado como ameaçador, enganoso e ilegítimo por Platão e pela filosofia clássica, o sensível alcança valorização extrema no sujeito midiático-contemporâneo. Fragmentado e acelerado, ele busca experimentar ao máximo as sensações, recupera seu potencial estésico e reacende sua inteligência emocional, estabelecendo uma nova atitude cognitiva (SODRÉ, 2006). Trata-se de uma espécie de razão sensível (SODRÉ, 2006), a ser pensada em termos de uma experiência de compreensibilidade operada pelo afeto¹¹, “mecanismo de compreensão irreduzível às verificações racionalistas da verdade” (SODRÉ, 2006, p. 70).

Compreender significa “agarrar a coisa com as mãos, abarcar com os braços (...) e dela não se separar” (Ibidem, p. 68). É experiência essencialmente sensível, que se dá na medida em apreende o objeto em sua singularidade, incomparável, irrepetível e impossível de ser alcançada pelo entendimento intelectual.

Ao contrário do que ocorre na percepção sensível, o entendimento intelectual penetra o objeto, mas se mantém à distância para explicá-lo. Nele, “um fenômeno particular fica subsumido a uma lei geral” (Ibidem, p. 68), desconsiderando sua unicidade - como acontece na apreensão sensível.

¹⁰ Do grego *aestesis*: “tanto sensação quanto percepção sensível” (SODRÉ, 2006, p. 86).

¹¹ “[...] mudança de estado e de tendências provocada por causas externas” (SODRÉ, 2006, p. 28).

O afeto seria, portanto, a experiência fundante para a produção de sentido do sujeito no *bios midiático*. Vigora como “prioridade existencial” (SODRÉ, 2006), que permite a abertura do homem ao mundo, ultrapassando sua consciência individualizada em direção a um Comum (SODRÉ, 2006), estabelecendo um novo modelo de relações que penetra fundo no sujeito e resulta na formação de um novo paradigma cognitivo.

O virtual e as redes

Essa espécie de transição cognitiva influencia diretamente nos modos de simbolizar e representar do sujeito. E nesse sentido, é fundamental pensar sobre os espaços onde agora passam a vigorar os processos de interação, articulação e produção de sentido. Ora, este “outro modo de inteligibilidade social” (SODRÉ, 2002), já não se localiza nem totalmente fora do real, nem totalmente dentro do virtual, mas na trama entre esses dois espaços, no limiar que já não separa, mas funde e faz coexistirem o real e o virtual, não sendo um capaz de anular o outro.

Pelo contrário, constroem-se e ressignificam-se simultaneamente no ciberespaço, que opera como uma espécie de “*entre-lugar*”¹² (JUSTEN, 2016). A internet, rede virtual mundial de informação é esse *entre-lugar*: ambiência híbrida ideal para uma nova configuração em que os sujeitos circulam, produzem e consomem imagens, representações imagéticas de si e do “outro” em ritmo acelerado e instantâneo (BAITELLO, 2014). *Entre-lugar* no qual produzir sentido é sinônimo de afetar o “outro”, tornando-o peça necessária para o estabelecimento do vínculo e de uma “comunidade afetiva, de base estética, onde a paixão dos sujeitos mobiliza a discursividade das interações” (SODRÉ, 2006, p. 66).

Na contramão do que afirmou Baudrillard, Manuel Castells (2003) enxerga um virtual referenciado num real, entendendo existir influência mútua entre essas dimensões. Abre-se espaço para reforçar o argumento de um *entre-lugar* emergente nessa lacuna entre o real e o virtual; entre a razão e o sensível.

Castells (2003) chama esse fenômeno de cultura da “virtualidade real”. Virtual na medida em que é construída através de processos informacionais e comunicacionais virtuais, executados eletronicamente. Real, pois é nossa realidade fundamental, base material sobre a qual estamos hoje nos relacionando, estabelecendo vínculos, agindo politicamente, construindo nossas identidades e nossos sistemas de representação

¹² Um terceiro espaço que emerge da contração do público com o privado, do livre e do institucional, da razão e do afeto - é um e outro, mas não é nem um nem outro (JUSTEN, 2016).

individual e coletiva. “Na internet, a noção de real resiste. As pessoas que vivem vidas paralelas na tela são, não obstante, limitadas pelos desejos, a dor e a mortalidade de suas pessoas físicas” (CASTELLS, 2003, p.100).

Em certa medida, o autor espanhol acompanha a perspectiva de Sodré - diante do *bios midiático* - quando reconhece a vida midiaticizada e virtualizada como nossa realidade, sendo tal configura o a característica central da cultura na *Era da Informa o* (CASTELLS, 2003):   principalmente através da virtualidade “que processamos nossa cria o de significado” (CASTELLS, 2003, p. 167). Cria o essa que pode ser entendida como produ o de sentido, em última instância, ato de representa o.

Componente desse universo virtualizado que   a Internet, as percep es sensíveis se potencializam e a vida imagética torna-se irrevogável. As intera es envolvendo representa es, identidades e *afetos* são, mais do que nunca, articuladas pela “difusão imagística da m dia eletr nica” (SODRÉ, 2006, p. 64): fotografias, impressões, cartazes, produtos, vídeos, filmes, circulando por telas e mais telas.

De fato,   preciso cuidado ao olhar para as estratégias sensíveis enquanto s ida. Ganhando papel central, a imagem técnica   potência latente, tanto para uma abertura e forma o de novas estruturas discursivas, quanto para um esvaziamento de consciência  tico-política. Afinal,   sob o aparato imagético que passam a se organizar lógicas de poder e domínio do sujeito contemporâneo. Entre elas, os sistemas de consumo, vigilância e espetáculo, que instrumentalizam a imagem técnica, enfraquecendo sua força afetiva e est tica/est sica. Talvez seja dessa disputa discursiva, através dos usos e fun es da imagem, que se trate a problemática da produ o de sentido no contemporâneo.

Considera es Finais

Baudrillard e Sodré estão em consonância ao perceberem a queda da razão no processo de interpela o e constru o de sentido. Baudrillard fala em eficácia e efeitos, vazios de substância e referencialidade. Sodré enxerga a retomada do sensível e atribui aos afetos e   manipula o das emo es a fun o de captar aten o e produzir rela es. Se as representa es (em imagens) vêm perdendo o que se pode chamar de potência racional, por outro lado, talvez não ganhem, mas mantenham sua potência sensível, que, ao ser valorizada, se aflora. Como vimos, a questão não trata de substitui o de

dimensões, mas talvez de sua coexistência: razão e sensível, real e virtual. Nem opostos nem enganosos, os sentidos, como vimos, nunca deixaram de caminhar junto à razão, coexistentes à experiência estética.

Pensar as redes a partir da perspectiva das afetações e não apenas pelas relações fundamentadas na dimensão racional vem se desenhando não apenas como tendência ou alternativa para uma aparente crise de representação. Mais do que isso, podemos enxergar na hipótese da ascensão desse modelo compreensivo-afetivo de comunicação – operado nesse caso pelas imagens - a oportunidade de construção de novos modos de produzir relações, novos modos de discurso e novas maneiras de estar no mundo.

A experiência do homem contemporâneo vem sofrendo afetação radical da tecnologia – comunicação, informação, imagens, percepções - fazendo-nos adentrar em um paradigma que supera o pensamento conceitual, dedutivo e sequencial, “sem que ainda tenhamos conseguido elaborar uma práxis (conceito e prática) coerente com esse espírito do tempo marcado pela imagem e pelo sensível” (SODRÉ, 2002, p. 12).

Tempo-espaço marcado pela transformação das relações entre singular e coletivo, real e virtual, público e privado, rede e rua. Espaço-tempo “em que emergem novas configurações humanas da força produtiva e novas possibilidades de organização dos meios de produção” (Ibidem, p. 12).

Diferente do que sugerem alguns dos pós-modernos, a História ainda não acabou e a crise da representação é sintoma evidente de que algo está por vir. Pressupõe simultaneamente risco e oportunidade, faz ascender novas perspectivas. Estimula a História mesma e os próximos passos. E no meio do panorama acelerado e fracionado da contemporaneidade, se mantém firme a sensibilidade humana na criação de novas alternativas, vozes e discursos.

Referências bibliográficas

AMARAL, M. T. **Assassinos do Sol**: Uma história dos paradigmas filosóficos. Vol.1 - Patrística Séculos I a VIII. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

_____. **O vigor da cultura comunicacional**: O paradoxo moderno contemporâneo. In.: AMARAL, M.T. Contemporaneidade e Novas Tecnologias. Rio de Janeiro: Livraria Sette Letras, 1996.

BAITELLO, N. **A Era da Iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Relógio d'Água, 1991, p.7-58

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.** In: Obras Escolhidas – Vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL, André. **Entre ver e não ver: o gesto do prestidigitador.** In.: GUIMARÃES, César., LEAL, Bruno Souza., MENDONÇA, Carlos Camargos. Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Post-Scriptum.** Sobre as sociedades de controle. In: Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta:** ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Sinergia, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Graal, 2012

_____. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **As Palavras e as Coisas.** Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. **Cultura e representação,** 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (p. 7-46)

JUSTEN, Janine. **Os poemas-vida dos estranhos da cidade.** Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

KELLNER, Douglas. **Cultura da mídia e triunfo do espetáculo.** In: MORAES, Denis de. Sociedade Midiatizada. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006, p. 119-147

PLATÃO. **A República.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkain, 1949, p. 315-359.

RECUERO, Raquel. **A rede é a mensagem:** Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. In: Eduardo Vizer. (Org.). *Lo que McLuhan no previó.* Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012, v. 1, p. 205-223.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2002.